

RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DOS EX-COORDENADORES DAS PRÁTICAS DE FORMAÇÃO

Professora Roberta Puccetti¹

Os 10 anos de Práticas de Formação me remetem a uma lembrança repleta de desafios, mudanças e muita ousadia. Tudo era muito novo... Pressupunha mudança de paradigmas que envolvia uma ampliação da concepção de Universidade, no momento importante de reestruturação curricular à qual ela se lançava.

Vivenciamos vários desafios desde a construção de regras, adaptações às realidades acadêmicas, tecnológicas, de infra-estrutura, às estruturas físicas e de recursos humanos, passando pelo oferecimento das Práticas de Formação pelos docentes até a própria aceitação das mesmas pelos docentes e alunos, enfim algo novo, rumo a uma nova cultura universitária.

A experiência de coordenar e ministrar as Práticas de Formação propiciou-me conhecer a Comunidade Universitária de perto, seus interesses, potencialidades e anseios nas diferentes áreas. Esta experiência me mostrou a importância das relações inter e intrapessoais, a interdisciplinaridade e a relação possível entre as áreas de conhecimento e as especificidades de cada uma delas. Ensinou-me outra dimensão de Universidade nas relações entre ensino, pesquisa e extensão.

Agradeço e sinto-me muito privilegiada em ter tido a oportunidade de iniciar, como coordenadora, um projeto inédito e inovador nesta Universidade. Um projeto que contempla as diretrizes da educação nacional propondo uma flexibilização curricular calcada em uma formação mais integral nas áreas técnicas e humanas.

Foi assim que o Projeto Práticas de Formação teve como proposta inicial propiciar aos graduandos uma **formação integral do ser humano**, com uma perspectiva humanístico-cristã, valorizando os aspectos sociais, culturais e religiosos, ultrapassando os muros da segmentação das áreas dos conhecimentos e a oportunizando a vivência de uma vida Universitária.

Fazer parte da história das Práticas de Formação, bem como toda minha trajetória de 24 anos de trabalho na PUC-Campinas, me possibilitou um aprendizado que, sem dúvida, contribui e valorizou a construção da minha vida profissional.

Parabéns a todos que direta e indiretamente fizeram e fazem parte desta HISTÓRIA DAS PRÁTICAS DE FORMAÇÃO.

¹ Mestre e Doutora em Educação – Licenciada em Artes Plásticas – Especialista em Psicopedagogia e Arteterapia, Docente do Curso de Artes Visuais

Professor José Donizeti de Souza²

A Coordenadoria das Práticas de Formação propiciou uma experiência ímpar em minha trajetória de vida profissional, considerando os múltiplos desafios que foram enfrentados durante os anos iniciais de existência do projeto e das inovações introduzidas no currículo e na proposta pedagógica da Universidade.

Eis algumas das demandas interessantes que enfrentamos naquele momento, graças ao empenho e dedicação de uma excelente equipe de trabalho composta pelos funcionários, docentes, sob a assessoria da Pró-Reitoria e dos membros do Comitê de Práticas:

- A diversidade de atividades a serem oferecidas semestralmente, aliada a uma enorme quantidade de turmas, para um contingente grande acadêmico;
 - A busca de muitos espaços físicos da Universidade e de disponibilização de equipamentos e materiais didáticos pedagógicos, em face da enorme diversidade de temas discutidos;
 - A coexistência de docentes da Universidade com professores externos e funcionários formados, colaborando para as implementações e consolidação da proposta;
 - A indicação de funcionários das Secretarias Acadêmicas dos Centros como representantes das Práticas de Formação nas suas unidades, no sentido de favorecer a viabilização das turmas naqueles locais;
- A mudança no perfil das matrículas de Práticas de Formação, por meio da implementação de um Sistema automatizado, possibilitando a indicação, pelos alunos, de temas e turmas de interesse, bem como a inscrição automática dos mesmos, conforme critérios acadêmicos;
 - O processo de inscrição das atividades que passou a ser realizado concomitantemente com a matrícula acadêmica, num processo de valorização das Práticas de Formação como um componente curricular que faz parte da formação do alunado, como todas as disciplinas;
 - A complexidade do projeto, espelho de uma comunidade universitária também multifacetada, dinâmica e em constante mudança, exigiu criatividade contínua e sempre suscitou em mim e na equipe, a força necessária para o alcance do bom resultado nas atividades. Tudo isto me fortaleceu como docente, gestor e profissional da educação, mantendo uma sensação agradável e de contentamento quando me recordo do período de atuação na CPRAFOR.

Assim sendo, parabeno a atual coordenadora pela contribuição inovadora no desenvolvimento do projeto, agradecendo-a por cuidar com carinho de uma proposta pedagógica que aprendemos a amar, por visar a formação integral dos nossos universitários.

² Mestre em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba, Docente do Curso de Teologia e Ciências Religiosas, Coordenador da Coordenadoria Geral de Atenção à Comunidade Interna (CACI) e do Centro de Cultura e Arte (CCA) – Professor na Faculdade de Educação Curso de Pedagogia

Paulo M.G. Pozzebon³

Recebi com alegria o convite da Coordenadoria das Práticas de Formação para escrever uma nota sobre as Práticas de Formação. Vi logo nessa tarefa a ocasião de quitar duas dívidas: expressar meus agradecimentos à PUC-Campinas, na pessoa de seu Pró-Reitor de Graduação, que designando-me para a Coordenadoria das Práticas de Formação honrou-me com sua confiança e proporcionou-me uma das experiências pedagógicas e administrativas mais enriquecedoras de minha trajetória profissional; em seguida, dividir com a comunidade universitária um pouco do que aprendi nos dois anos (2006-2007) em que atuei nessa Coordenadoria.

Proponho-me, portanto, relatar algumas experiências adquiridas e propor uma linha de reflexão sobre as Práticas de Formação que poderia enunciar como: que poderíamos aprender com as dificuldades vivenciadas desde sua implantação? De pretensão modesta, desculpo-me desde já com o leitor pelo formato pouco acadêmico destas reflexões.

As Práticas de Formação nasceram como projeto no momento em que a PUC-Campinas reestruturou seus cursos de graduação para adequar-se à Lei de Diretrizes e Bases de 1996 e às Diretrizes Curriculares Nacionais que se lhe seguiram. Estas introduziram nos cursos de graduação a figura até então pouco conhecida das Atividades Complementares, componente curricular que o aluno poderia cumprir por meio de atividades livremente escolhidas.

Muitas instituições implantaram tais atividades simplesmente acrescentando uma linha na grade curricular, deixando para depois a discussão do que poderiam ser e, mais tarde, passando para seus alunos a responsabilidade de cumpri-las. A PUC-Campinas percebeu na obrigação de implantá-las a oportunidade de concretizar o espírito de flexibilização curricular

da LDB, bem como de enfrentar o desafio de suscitar no estudante o tão desejado protagonismo de sua formação universitária. Optou, então, pelas Práticas de Formação (PF), entendidas como componente curricular obrigatório, cursado na proporção de um crédito por semestre de duração do respectivo curso de graduação, com base na escolha do estudante dentre um amplo rol de atividades de temáticas e objetivos bastante diversificados.

As PF permitem ao aluno enriquecer seu currículo com temáticas que alargam a formação e lhe abrem novos horizontes e perspectivas. Abrangem temas científicos, de promoção da empregabilidade, atuação em organizações e empresas, espiritualidade, esportes, desenvolvimento pessoal e diversos outros. São ofertadas nas modalidades de minicursos, oficinas, visitas técnicas, ciclos de palestras, prática de esportes e outras, admitida ampla criatividade nesse campo. O modo de organizá-las permite também a interação entre alunos de diferentes cursos, rompendo círculos que tendem a se manter estreitos.

A concepção das PF causou alguma estranheza no início, mas, aos poucos, professores, coordenadores e diretores começaram a se entusiasmar por essa proposta, quase sempre por verem nela a oportunidade de desenvolver conteúdos específicos complementares aos desenvolvidos nos cursos de graduação. Essa primeira impressão, aparentemente facilitadora da aceitação do projeto, continha na verdade a primeira dificuldade. As PF não se propõem a servir de complemento ou de aprofundamento de conteúdo das disciplinas curriculares, pois seu objetivo é oferecer ao aluno outras frentes de formação que dificilmente serão encontradas num curso de graduação, mas que atuam como potencializadores da formação científica, humana e profissional oferecida nesses cursos.

³ Mestre em Filosofia Política pela Unicamp, docente da Faculdade de Filosofia da PUC-Campinas

Considere-se, por exemplo, um aluno da área da saúde: não necessitará ele, em sua vida profissional, de conhecimentos administrativos? As PF, mais que seu curso de origem, podem proporcionar-lhe. Um aluno da área de administração, que planeja tornar-se executivo de grandes empresas, não necessitará de conhecimentos que o auxiliem a conservar a saúde física e mental, pessoal e coletiva, no ambiente corporativo? Quais são as possibilidades reais de seu curso de graduação tratar essa temática? A experiência mostra que a maioria das universidades, ao não oferecer atividades complementares para o aluno, ocasiona muitas vezes a busca de atividades de pequeno valor formativo, cumpridas apenas para atender à exigência legal. Mostra também que a formação complementar necessária será mais tarde buscada pelo aluno em caríssimos cursos adquiridos no mercado. A formação complementar não é, portanto, desnecessária e nem se justifica adiá-la para depois da formatura.

Outras dificuldades apareceram desde a implantação das PF. Até hoje se ouvem queixas a respeito do calendário, que não acompanha o das disciplinas fixas das grades curriculares; queixas a respeito dos horários, situados fora dos turnos letivos equivocadamente considerados exclusivos; temáticas desligadas do foco do currículo, sistemática de avaliação distinta das disciplinas fixa e muitas outras. Essas reclamações refletem simplesmente desinformação e incompreensão do que são as PF e de seus objetivos. Essa incompreensão é observada mesmo quando são oferecidas atividades com temáticas científicas próximas dos currículos. Alunos que já estudaram esses temas, com o mesmo professor, em cargas horárias várias vezes maiores, inscrevem-se nessas atividades apenas por que são relacionadas aos currículos de seus cursos.

Professores também manifestaram graus e modalidades variadas de incompreensão. Desde a recusa liminar de colaborar com o projeto, apresentado propostas e desenvolvendo atividades, mas também a freqüente recusa

de oferecimento de atividades aos sábados, rejeição da sistemática de pagamento, repetição de conteúdos curriculares e outras. A forma eventual e descontínua com que atividades interessantíssimas são ofertadas, em geral devido a variações da carga horária docente, também provoca perdas consideráveis no quadro de atividades disponíveis para o aluno.

Todas essas dificuldades parecem se encontrar num ponto comum: o fato de as PF não acompanharem a estrutura básica tradicional dos cursos de graduação, isto é, disciplinas com 17/19 semanas de duração, que se estendem por todo o semestre, obrigatórias e com forma e conteúdo planejados já na concepção do curso, relacionadas às demais por uma seqüência necessária (muitas vezes tomada como indiscutível) de conteúdos que se exprimem em listas de pré e co-requisitos. Como esta estrutura é tradicionalmente utilizada por todos os cursos de graduação de quase todas as universidades, tem a força do hábito e parece imutável. Modificá-la implica incorrer em suspeitas de falta de qualidade, questionamento da autonomia dos professores e outros monstros igualmente temíveis.

Ora, as PF não se enquadram nessa estrutura e isso ocasiona estranheza e incompreensão de alunos, professores e funcionários técnico-administrativos. A liberdade de escolher a PF a ser cursada, pelo tema, tipo ou horário, causa nos alunos incômodos e reclamações que, paradoxalmente, não se manifestam contra atividades letivas obrigatórias, mesmo quando alocadas aos sábados. A liberdade de propor conteúdos, metodologias inovadoras e objetivos de formação parece menos arriscada a muitos professores quando ocorre nas disciplinas da grade fixa dos currículos. Habitados ao peso da tradicionalíssima estrutura de organização dos cursos e esquecidos das mudanças havidas no alunado e no mundo da cultura, todos tendemos a considerar equivocadamente essa estrutura como a condição indispensável dos trabalhos acadêmicos.

As PF colecionam também inquestionáveis sucessos. Os mais óbvios são aquelas atividades que tiveram elevadíssima procura de estudantes, que viam nelas um pouco de aventura ou trabalho concentrado em períodos curtos. Lembro-me de aulas teóricas e práticas de espeleologia e geologia, ou os ciclos de palestras em que se discutia o olhar do fotógrafo sobre os fenômenos sociais, as oficinas de argila, desenho, fotografia, teatro, comunicação interpessoal, o mergulho na arte em Vila Kostka, a imersão na história brasileira em viagens de muito estudo, as atualizadíssimas palestras sobre saúde, as concorridas práticas esportivas. Merecem também menção de sucesso as PF que enfrentaram temas científicos com profundidade raramente encontrada em disciplinas fixas. Sucessos foram, também, as atividades cujas metodologias contribuíram para o aprimoramento do desempenho docente. Sucessos pedagógicos foram, especialmente, todas as PF que despertaram os alunos para a importância de conhecimentos complementares em sua vida profissional.

Dez anos de experiências se acumularam, em que aprendemos com os erros e os acertos. Como parte de um balanço, indico aqui perspectivas que vislumbro como possibilidades de desenvolvimento das PF, procurando compreender como possíveis vantagens estratégicas justamente as características que têm constituído dificuldades.

A principal causa de estranheza do alunado em relação às PF não poderá ser removida: as PF continuarão contrastando com a forma tradicional de organização dos cursos. A estranheza, entretanto, poderia ser transformada em surpresa, na medida em que o caráter obrigatório das PF fosse utilizado para colocar o aluno em contato com conteúdos cuja importância ainda não percebeu, por meio de metodologias que o motivem e o mobilizem, alinhados com os objetivos de ampliação da formação e de protagonismo. Com efeito, ações organizadas pelos Centros e pelas Faculdades poderiam prover a oferta sistemática de programas de atividades de formação

complementar, que desde logo seriam recomendadas aos estudantes nos próprios cursos de graduação. Planejamento e continuidade poderiam, dessa forma, superar o caráter demasiado ocasional da oferta de PF, resultando em maior proveito desse banco de recursos formativos.

Uma possibilidade enriquecedora e factível, já o comprovam as experiências de alguns docentes, é articular mais intensamente as PF com os programas de extensão, tal como já o fazem alguns docentes, aproveitando a preferência dos alunos por atividades práticas para promover seu contato e envolvimento com trabalhos que, também eles, são importantes recursos de formação humana, profissional e científica.

Outra frente de trabalho comum para os Centros, Faculdades e CPRAFOR, é enfatizar, na comunicação com o aluno, o papel que as PF podem desempenhar na formação profissional, desenvolvendo temas ligados a empregabilidade, funcionamento das organizações, conhecimentos administrativos e econômicos. Temas indispensáveis, mas em geral completamente ausente das grades curriculares, cuja abordagem favorece e ocasiona a desejada reflexão do aluno sobre seu projeto de vida, carreira e sobre a gestão da própria formação.

As PF podem direcionar sua oferta para necessidades prementes e já reconhecidas pelo aluno, como reforço em português, matemática e habilidades comunicativas. Demandas permanentes, como a Iniciação Científica, poderiam encontrar formas alternativas de atendimento em atividades de iniciação à pesquisa.

Em conclusão a este despretensioso relato, destaco que as Práticas de Formação, justamente por possuírem um modo próprio de estruturar-se, que gera freqüente incompreensão de alunos, professores e funcionários técnico-administrativos por não se encaixar imediatamente nas estruturas habituais dos estudos universitários, constituem um espaço distinto, onde o enfrentamento dos desafios

pedagógicos e administrativos da formação universitária requer mais criatividade e, ao mesmo tempo, encontra maior liberdade. Dessa peculiaridade advém muito da riqueza de experiências ali acumuladas, que amiúde

surpreendem alunos e professores. Ouso dizer que as PF são um patrimônio cultural da PUC-Campinas, que merece ser não apenas preservado, mas reconhecido, valorizado e explorado.

Professora Carmem Ventura⁴

Período desafiador e muito rico é como eu posso expressar o que representou para mim a experiência de participar como Coordenadora do projeto de Práticas de Formação.

Com o objetivo de contribuir para a sua consolidação e de aprimorar a dinâmica de oferecimento das atividades a todos os cursos da Universidade, tivemos um período de trabalho intenso, com o envolvimento dos diferentes Centros da Instituição, da PROGRAD e da equipe CPRAFOR.

O fortalecimento da integração e articulação do projeto de Práticas de Formação com os projetos pedagógicos dos cursos, a ampliação do engajamento de docentes, o

apoio e acompanhamento das atividades oferecidas, a ampliação da divulgação deste projeto junto à Comunidade Universitária, bem como a sua avaliação como um todo representaram os eixos norteadores do trabalho realizado.

Certamente esta experiência só foi possível graças à disponibilidade de todas as pessoas envolvidas. A certeza do alcance que o projeto de Práticas de Formação tem em toda Universidade e sua perspectiva inovadora evidenciam a preocupação da PUC-Campinas com a formação cidadã, humanística e integral de seus alunos, e ter podido participar deste trabalho, para mim, significou um aprendizado imenso.



Práticas de Formação - Aprenda a comer corretamente

⁴ Mestre em Psicologia pela PUC-Campinas, Coordenadora do Centro Interdisciplinar de Atenção ao Deficiente (CIAD) PUC-Campinas e Docente da Faculdade de Psicologia.